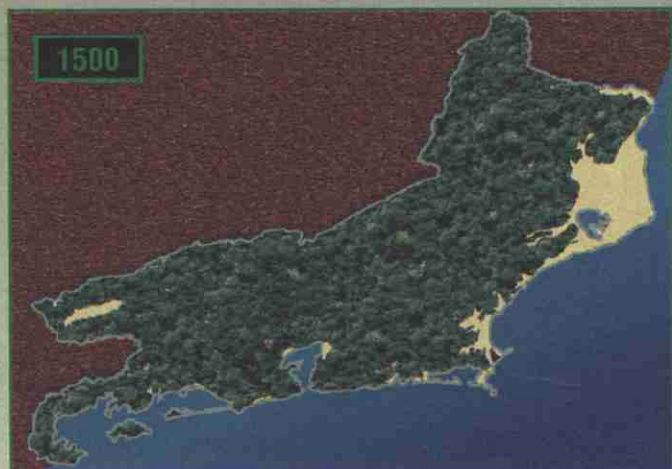




# A DERROTA DA FL



Na época do descobrimento, 96% de toda a área do Estado era coberta pela Mata Atlântica



Na década de 80, o Rio ainda tinha 27% de suas terras sob o domínio da floresta

FONTES: CENTRO DE INFORMAÇÕES E DADOS DO RIO DE JANEIRO, CIDE, IBGE E SETOR DE ECOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A devastação vista do alto: floresta vira pasto até onde o gado não chega



JOÃO PAULO CAPOBIANCO

# O RESTA



O Estado fechará o século com 21% de cobertura vegetal, e o número continua caindo



DILMAR CAVALHESTRINA

Cotos de árvores em Parati-Mirim: área de roçado aberta pelo fogo

## SOB A AÇÃO DO FOGO E DA MOTOSSERRA, UMA BÉLGICA SUMIU DAS MATAS DO RIO

MARCELO CARNEIRO

“**N**ossas preciosas matas vão desaparecendo, vítimas do fogo e do machado, da ignorância e do egoísmo. Nosso belo Brasil, em menos de dois séculos, ficará reduzido aos páramos e desertos da Líbia.” Quando José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência, subiu à tribuna da Assembléia Constituinte de 1823, cerca de 80% do território brasileiro era coberto pela vegetação densa e exuberante da Mata Atlântica, manto florestal poupado pelas eras glaciais. No Rio, esse número era ainda maior, chegava a 90%. José Bonifácio jamais foi lembrado como ecologista pioneiro, mesmo sendo dele a primeira lei obrigando o reflorestamento de áreas desmatadas, e isso talvez explique por que hoje, 175 anos após seu discurso de abertura na Assembléia, as matas do Rio cobrem apenas 21% de todo o Estado. Segundo dados da S.O.S. Mata Atlântica, ONG que há uma década monitora o tamanho da devastação em dezessete Estados, o Rio perdeu exatos 3 365 142 hectares de floresta desde o descobrimento.

Nessa imensidão devastada cabe uma Bélgica. Só de 1990 a 1995, uma área do tamanho da cidade de São Paulo — cerca de 13% do que ainda restava de verde no Estado — deixou de ser mata para virar terra arrasada pela ação das queimadas ou da serra elétrica. Na próxima sexta-feira (13), a ONG apresentará, em audiência pública na Assembléia Legislativa do Rio, os primeiros dados de um novo levantamento, feito no período de 1995 a 1997. As notícias são ainda piores: só na capital, a Mata Atlântica encolheu em mais 577 hectares. Nesse período, perdeu-se um campo de futebol a cada dia, especialmente na Floresta da Tijuca e no maciço da Pedra Branca, na Barra e em Jacarepaguá. No Parque Nacional da Tijuca, maior espaço verde em área urbana do mundo, 46 favelas brotaram nas bordas da mata.

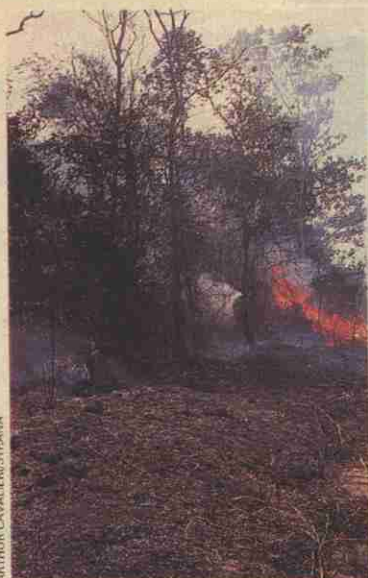
Com seus 21% de área coberta por floresta, o Rio ainda é dono da maior porcentagem de Mata Atlântica em todo o país — São Paulo não chega a 8% e Minas Gerais tem ralos 2% —, mas isso não fez o Estado livrar-se do título de campeão da devastação, prêmio outorgado pelos números da S.O.S. Mata Atlântica: “A situação do Rio é grave”, alerta Márcia Hirota, diretora de projetos da ONG e coordenadora do levantamento que mapeou a destruição. “Basta sobrevoar o interior do Estado para ver que até áreas de encosta, os terrenos mais íngremes, aonde nem o gado consegue chegar, estão sendo devastadas para virar pasto”.

”, diz João Paulo Capobianco, diretor do Instituto Sócio-Ambiental, outra ONG que participou do levantamento, fei-

to a partir de imagens de satélite captadas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Inpe. Vista do alto, a devastação da Mata Atlântica realmente impressiona, mas é preciso meter o pé floresta adentro para entender o que está acontecendo.

No meio da mata, é difícil encontrar quem não a explore. Caçadores, fazendeiros, palmiteiros, índios, sem-terra, pequenos agricultores, madeireiros, cada um dá sua danosa contribuição, arrancando fatias da floresta. Em Parati-Mirim, distrito de Parati, no coração da Serra da Bocaina, maior pedaço de Mata Atlântica que ainda resta no Estado, a terra é desmatada e queimada pelos índios guaranis assentados em uma reserva da Funai. "Isso aqui já foi roçado há muito tempo", limita-se a dizer Poti, ou Pedro Oliveira, 63 anos, um dos líderes da reserva, que tem 120 índios. Poti só não se lembra de esconder as marcas de machado na base das árvores, prova de que o corte foi recente. "Não dá nem para se impressionar com isso. Eles não são os únicos", diz resignado o agente florestal João Fernandes de Oliveira.

Funcionário do Instituto Estadual de Florestas, IEF, João Fernandes administra sozinho a reserva ecológica da Joatinga, próxima à área dos guaranis. Sua indiferença esconde uma disposição em defesa da mata rara de encontrar. Munido apenas de um colete preto com as iniciais do instituto pintadas em amarelo, ele tenta botar ordem na terra de ninguém. "Além de não ter ajuda, é um trabalho perigoso. Os palmiteiros andam sempre armados", diz João, referindo-se



ARTHUR CAVALERISTIANA

**Queimada na Mata do Carvão, no norte fluminense: fogo nas plantações de cana e ação de madeireiros quase decretaram a extinção da floresta**



aos agricultores que vivem da extração da juçara, espécie de palmito em extinção na Mata Atlântica.

Na Região Serrana, até os sem-terra avançam sem pena sobre a mata. Em Trajano de Moraes, próximo a Friburgo, a devastação acontece em plena área de assentamento do Inera, onde 46 famílias plantam hortaliças e legumes. "O Inera dá as terras, mas os agricultores só sabem fazer queimada para depois plantar", reclama Válter da Silva Coe-

## N E M T U D O E S T Á P E R D I D O

O cenário da Mata Atlântica no Rio pode ser devastador, mas há quem consiga ver além da nuvem de queimadas e ainda produzir boas notícias. Uma legião de biólogos, químicos e ambientalistas vem estudando a floresta e contribuindo para ações de replantio de mudas nativas. A cada projeto de pesquisa, lança-se mais luz sobre a Mata Atlântica. "No decorrer dos anos, os cientistas já descobriram 90 000 espécies até então desconhecidas, e estima-se que existam pelo menos outras 10 000 a ser reveladas", contabiliza Solange de Vasconcelos Albuquerque Pessoa, uma das coordenadoras do Programa Mata Atlântica. Instalado há uma década em um prédio dentro do Jardim Botânico, o projeto é o mais bem-sucedido inventário da riqueza da floresta. Já deu origem a quatro livros — três sobre a Reserva Ecológica de Macaé de Cima, primeira a ser estudada pelos pesquisadores do programa, e um sobre madeiras da Mata Atlântica —, além de uma dúzia de teses de mestrado e doutorado.

Atualmente, a equipe conta com trinta pesquisadores. É uma turma que pega pesado em um trabalho que depende de paciência e alguma sorte. Na Reserva de Poço das Antas, onde foram catalogadas 600 espécies, a área reservada para o levantamento foi destruída por uma queimada. Outro trecho de acesso à reserva, usado para experiências de replantio de mudas nativas, foi "atropelado" por um carro desgovernado. "Perdemos o trabalho de um ano inteiro", lembra Marli Pires Morin, coordenadora de pesquisas do Jardim Botânico. Nada disso, porém, tira a alegria da descoberta de um novo tipo de bromélia ou da belíssima fúcsia régia, a popular brinco-de-princesa. Só em Macaé de Cima, onde a equipe permaneceu de 1988 a 1990, foram coletadas 1 103 espécies. Dessas, 29 eram desconhecidas pela ciência. Pelo menos 8% das espécies da reserva não são encontradas em nenhum outro ponto do planeta.

Outro trabalho silencioso e eficiente é o de refloresta-

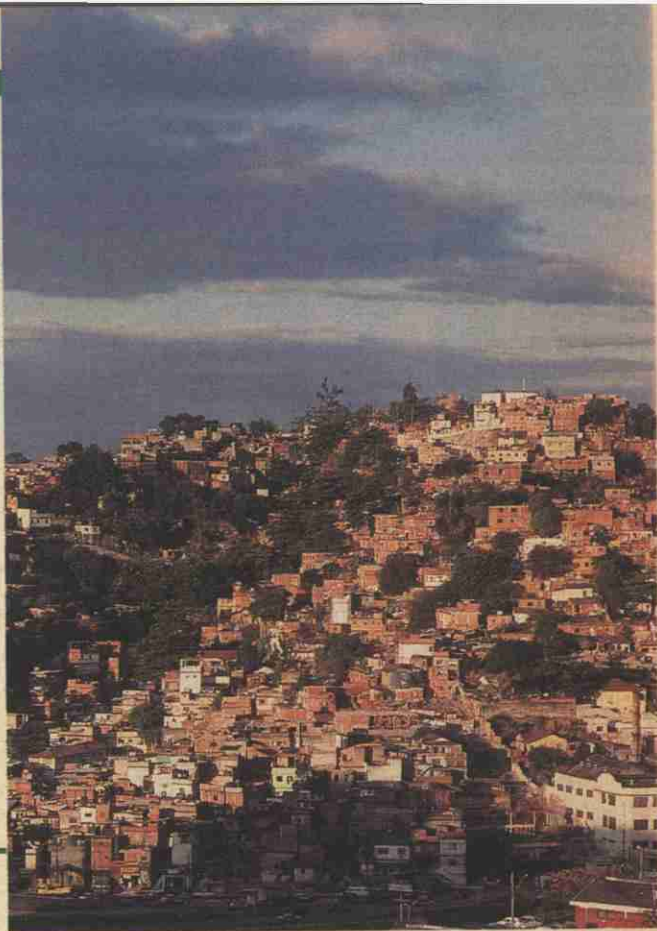
lho, 63 anos, secretário de Meio Ambiente do município. A devastação na cidade de Trajano de Moraes, segundo os dados do S.O.S. Mata Atlântica para o período 1990-1995, foi a maior ocorrida em todo o Estado. Em cinco anos, os satélites do Inpe documentaram o desaparecimento de 10 000 hectares de floresta. "Isso não é verdade, a maior parte dos desmatamentos ocorreu nos anos 40, quando a região era grande produtora de café", contesta Válter, reconhecendo porém a dificuldade de conter as queimadas. "Tenho só três fiscais para tomar conta de uma área de 65 000 hectares", assume o secretário, que em um ano e meio de trabalho conseguiu aplicar apenas cinco multas por danos ao meio ambiente.

Entre os órgãos federais, a situação é parecida. Em todo o Estado existem catorze unidades de conservação — as chamadas reservas ecológicas e áreas de proteção ambiental — sob responsabilidade do Ibama. Em metade delas não há um agente sequer. A Serra da Bocaina, com 110 000 hectares de mata fechada, é vigiada por três homens. Para a bióloga Márcia das Graças Ferreira, chefe da Divisão de Controle e Fiscalização do Ibama, há unidades de conservação demais e fiscais de menos: "O governo acabou de criar duas novas reservas no Rio. Para quê? Nesses locais há só um chefe, não existe nem fiscal". Em um canto da sala ocupada por Márcia repousam três motosserras e meia dúzia de caixas de papelão com corais retirados de áreas de restinga. São os parques troféus da Operação Atlântica, que reuniu cerca de 100 agentes de vários órgãos ambientais liderados pelo Ibama. De agosto a setembro, os fiscais vasculharam cinco regiões de todo o Estado. Lavraram 198 autos de infração e prenderam em flagrante onze pessoas. "É pouco, esperava muito mais. Quando a gente chegava ao mato, via a terra arrasada e ninguém por perto", diz Márcia.

No Norte Fluminense atingiu-se o extremo. A região tem

**O avanço sobre o verde na capital: 46 favelas já ocupam as bordas do Parque Nacional da Tijuca**

FOTOS DE DILMA CAVALHEIRISTRANA



hoje 0,5% de cobertura vegetal, contra os 20% que ainda restam no sul do Estado. Em cidades como Itaboraí, nada floresce além de grama e ervas daninhas. "Isso aqui ainda não é um deserto, mas há pontos em que o solo já se tornou infértil. Não cresce coisa alguma", afirma o professor Aristides Solfiatti, da Universidade Federal Fluminense, que prepara tese de mestrado sobre os manguezais e o empobrecimento da flora e da fauna da região. Na cidade de São Francisco de



**Solange e Marli, do Programa Mata Atlântica: à cata de novas espécies**

DIVULGAÇÃO

mento. Entre os vários programas em execução na Mata Atlântica, um dos mais respeitados é o Mutirão Reflorestamento, projeto da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, que existe desde 1986. Em doze anos, já foi replantado, em 59 áreas de encosta do Rio, 1,7 milhão de espécies nativas de Mata Atlântica, totalizando 700 hectares de verde, algo em torno de quarenta Maracanãs. Em favelas como Chácara do Céu, Babilônia, Salgueiro e Andaraí são os próprios moradores, contratados pela prefeitura, que ajudam no replantio de ipês-americanos, açoita-cavalos, cambarás, aroeiras e tarumãs. São quase 800 pessoas, que recebem de 1,5 a 3,5 salários mínimos, ajudando a trazer de volta a floresta. Tanto empenho já deu resultado. O projeto da secretaria foi premiado pela Organização das Nações Unidas como um dos dezesseis melhores programas de meio ambiente em megacidades da América Latina.

## A ação da motosserra



BRUNO VEIGASTRANA

**Márcia, da fiscalização do Ibama, e o resultado de uma operação (à esq.): motosserras derrubam menos porque a madeira está mais escassa**

ouve o ronco das motosserras derrubando as gigantescas perobas. “Quando uma árvore dessas cai, seu peso é tão grande que leva junto pelo menos outras dez”, conta o biólogo Luiz Eduardo Aragão, que faz mestrado em ciências ambientais na Universidade Estadual do Norte Fluminense, Uenf. Mas a mata tem outros inimigos além da serra elétrica. As queimadas, causadas pela prática disseminada de tocar fogo no canavial, na época da colheita, também já levaram um bom pedaço da floresta. “Em

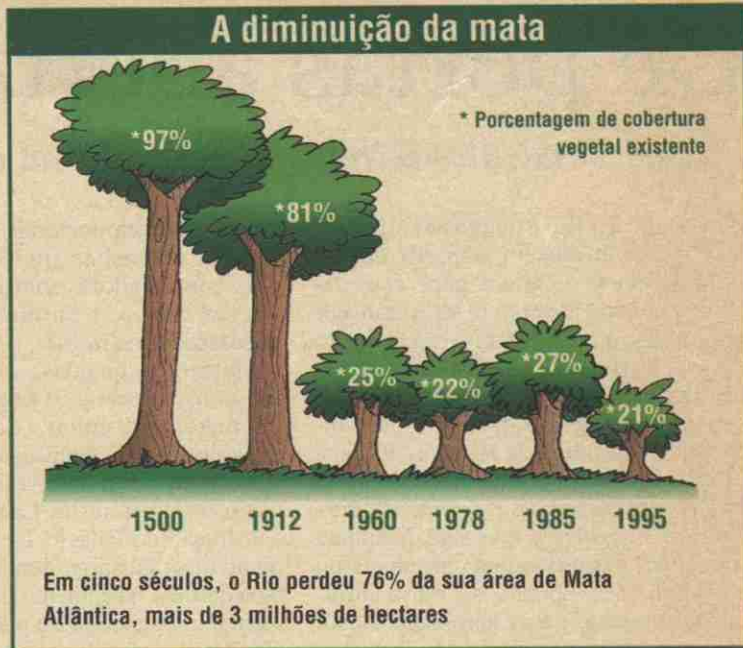
Itapaboana, divisa com Campos, a Mata do Carvão é um contudente memorial aos riscos da devastação. Em meio ao mar de plantações de cana, a floresta bóia solitária, um pedaço verde que não chega a 1 000 hectares. A Mata do Carvão é atualmente o único trecho de Mata Atlântica de baixada que resta no Estado, um tipo de floresta que já se estendeu de Pernambuco ao Rio, em faixa contínua. A ação dos madeireiros quase decretou a extinção da floresta. Da Mata do Carvão saíram toneladas de ipês, vinháticos e principalmente peroba, madeira de lei que atinge até 15 metros de altura e 1,5 metro de circunferência. No mercado, 1 metro cúbico de peroba está cotado a 2 000 reais. À noite, na escuridão da mata, só se

São Paulo há leis impedindo o agricultor de fazer a queima. Aqui, tudo é permitido. A distância entre o canavial e a floresta não passa de 3 metros, basta uma fagulha para começar o incêndio”, diz Luiz Eduardo. Hoje, a Mata do Carvão é praticamente uma cicatriz no meio da terra devastada para a plantação de cana e o corte de madeira.

Ganhar dinheiro com árvores arrancadas da mata pode ser um bom motivo para acabar com uma floresta inteira, mas por que defendê-la? “Não se trata de uma questão estética, apenas pela beleza da planta ou do bichinho ameaçado de extinção. A Mata Atlântica representa riqueza, como era o petróleo no século passado. Não é à toa que países desenvolvi-

dos estão querendo botar um pé aqui. Algumas substâncias ativas de plantas e animais da floresta viram remédios e cosméticos, e isso significa bilhões”, explica o biólogo Carlos Frederico Duarte da Rocha, do setor de ecologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Uerj. “O que conta é realmente o dinheiro. Se algum produto representa ganhos, a mata onde ele se encontra não será devastada”, faz coro o professor Benjamim Guilbert, pesquisador assistente da Fiocruz e especialista em química orgânica.

A formação da Mata Atlântica se confunde com o surgimento do continente americano, uma história de mais de 100 milhões de anos que ultrapassou, segundo especialistas, algo entre quatro e sete períodos glaciais. A grande incidência de chuva e a diferença de altitude — há florestas ao nível do mar e em picos com mais de 1 000 metros — fez da Mata Atlântica o mais formidável banco de espécies do planeta. “Hoje já é possível dizer com segurança que ela é mais rica até que a Floresta Amazônica”, diz o químico Otto Gottlieb, 78 anos, um dos 100 cientistas mais importantes do país, que acaba de concluir um estudo sobre a diversidade biológica da Mata Atlântica, analisando cerca de 25 000 espécies da floresta. É essa riqueza intangível que os ecologistas suspeitam estar sendo jogada fora com a devastação da Mata Atlântica. “É possível que muitas espécies tenham desaparecido antes que a ciência ao menos tivesse conhecimento de sua existência”, escreve o historiador Warren Dean em *A Ferro e Fogo*, o mais completo livro



já escrito sobre a devastação da Mata Atlântica. É difícil mensurar essa perda, mas pode-se pelo menos suspeitar, como alertava José Bonifácio há quase dois séculos: “Virá, então, esse dia terrível, em que a ultrajada natureza se ache vingada de tantos erros e crimes cometidos”.